

A relação com skatismo e seus saberes*

Julio Gabriel de Sá Pereira

Fábio Machado Pinto

Resumo

Nesta pesquisa buscamos refletir sobre as relações que os skatistas constroem em determinados espaços da região da Grande Florianópolis-SC, em específico na pista de skate do bairro Trindade – a *Trinda* –, e no CT SKT – Projeto SKT – projeto que oferece aulas de skate. Foi investigada a apropriação do espaço, as relações de sociabilidade entre os indivíduos, a formação do habitus e a construção do *campo* skatista na cidade. Como possibilidade de aprofundamento e contribuição para com a área dos estudos em Educação, discutimos a noção de *relação com o saber*, e seus desdobramentos diante dos saberes do skatismo. Concluimos indicando a capacidade oferecida pelo estudo desta noção, em desenvolver tensionamentos no campo científico, em especial, nas Ciências Sociais e da Educação.

Palavras-chave: Skate. Educação. Saber.

* Estudo realizado durante o mestrado realizado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, tendo como orientador o Prof. Dr. Fábio Machado Pinto.

** Mestre em Ciências da Educação pela UFSC. E-mail: jugabrielsp@hotmail.com

*** Doutor em Ciências da Educação pela Université Paris 8. Professor do Departamento de Metodologia de Ensino da UFSC. E-mail: fabiobaige@yahoo.com.br

The Relationship With Skatism And Your Knowledge

Abstract

In this research we reflect on the relationships that skateboarders build in certain areas of the Florianópolis city region, specifically in the skatepark of Trindade - the *Trinda* - and CT SKT - Project SKT - a project that offers skate lessons. Was investigated the appropriation of urban space, relations of sociability, but we emphasize the construction of the skateboarder field in the city through the provision of the *habitus* at the skateboarders. As a possibility of deepening and contribution to the field of studies in Education, we discussed the relation to knowledge notion, and the consequences at the skateboarding knowledge. We conclude indicating the capacity offered by the study of that concept, developing tensions in the scientific field, in particular in the Social Sciences and Education.

Key words: Skateboard. Education. Know.

La relación con el skate y sus conocimientos

Resumen

En este estudio se reflexiona sobre las relaciones que los *skaters* construyen en ciertas zonas de la región de Florianópolis-SC, específicamente en la pista de patinaje del barrio Trinidad - el Trinda - CT y SKT - Proyecto SKT - un proyecto que ofrece clases de *skate*. Se investigó la apropiación del espacio, las relaciones de sociabilidad entre los individuos, la formación del *habitus* y la construcción del campo de skater en la ciudad. Como una posibilidad para el desarrollo y la contribución al campo de los estudios de educación, discutimos el concepto de relación con el conocimiento, y sus consecuencias frente al conocimiento del *skate*. Concluimos indicando la capacidad ofrecida por el estudio de esta noción, en el desarrollo de las tensiones en el campo científico, en particular en las Ciencias Sociales y Educación.

Palabras clave: monopatín. Educación. Saber.

Introdução

Este trabalho apresenta parte de nossos estudos de análise e compreensão sociológica sobre o skatismo, enquanto cultura juvenil, prática corporal e esportiva, que nos permite esclarecer aspectos de um campo social. Na análise da formação deste *campo* identificamos suas regras e códigos próprios, onde os skatistas estão dispostos, de maneira influente ou influenciados, nas disputas de poder, seja pelo aspecto material ou pelo simbólico. Para Bourdieu (1983, p. 89), “para que um campo funcione, é preciso que haja objetos de disputas e pessoas prontas para disputar o jogo, dotadas de *habitus* que impliquem no conhecimento e no reconhecimento das leis imanentes do jogo, dos objetos de disputas, etc.” Cada skatista deve estar pronto a jogar o jogo, desde que demonstre o conhecimento necessário para a sua inserção em tal *campo*, e que por isso seja reconhecido. Este *habitus* seria um conjunto de referências incorporadas – culturais, materiais, econômicas, simbólicas, sociais – que distinguem cada indivíduo no/entre os *campos*.

O delineamento deste campo esportivo e a declaração dos skatistas, convergindo e divergindo nos mais diferentes aspectos, nos levaram a uma abordagem sociológica mais criteriosa e singular no que se refere a pensar a relação com o skatismo e seus saberes. A partir dos estudos de Bernard Charlot (2000; 2001; 2005), propomos uma reflexão sobre o que mobiliza estes sujeitos a entrar na atividade skatista, a permanecer praticando, treinando e assim, a se tornar skatista. Trata-se de uma tentativa de inventariar aspectos subjetivos e objetivos deste fenômeno, demonstrando a importância da ampliação da ideia de *campo* e *habitus* formulada por Bourdieu.

O estudo se realiza na região da grande Florianópolis em Santa Catarina e concentra-se na análise de observações participantes e na declaração dos principais skatistas em dois importantes ambientes onde se pratica o skate: a skatepark da Trindade, ou, utilizando o termo nativo, a Trinda; e o Projeto SKT¹.

No primeiro ambiente, a Trinda, procuramos analisar as experiências vividas, as discussões no âmbito das rela-

ções sociais, notadamente entre jovens esportistas, em situação de sociabilidade, pensando sobre o *pedaço* skatista: lugar de reconhecimento entre os pares, mas não necessariamente de relações tão profundas, como num sentido familiar (MAGNANI, 1998; 2002; 2005).

Em outro, menos informal, temos o Projeto SKT. Trata-se de um projeto que oferece aulas de skate para todas as idades, estando estes sujeitos em qualquer nível técnico. Foram entrevistados quatro alunos-skatistas, os quais compartilharam suas impressões sobre a sua experiência no projeto, bem como sobre sua relação com o skate em seus aspectos mais gerais.

Campo e habitus skatista

Leonardo Brandão, em seu livro *Para Além do Esporte: uma história do skate no Brasil* (2014), analisa revistas especializadas no universo jovem e constata que a prática do skate no Brasil inicia nos anos 60, no estado do Rio de Janeiro. Das poucas obras publicadas no país² destaca-se *A Onda Dura*, organizado por Eduardo Brito e que retrata a história do skate no Brasil nas décadas 1970 até 1990. (YNDIO, 2009) Estes estudos mostram que os chamados “esportes californianos”³ se tornaram muito populares entre os jovens brasileiros. Este período, portanto, “[...] assistiu a uma juvenilização da cultura e com ela a busca por novos canais de expressividade” (BRANDÃO, 2014, p. 27). O Brasil dos anos 1960-1970, viveu um breve período de democratização e depois de ditadura militar que perdurou por duas décadas, diante da qual uma parte da juventude – majoritariamente estudantil – estava envolvida em movimentos de resistência contra este regime, e outra – ao que tudo indica também estudantes e de classe média – buscava nas práticas corporais a experiência da excitação, também como forma de contestação⁴. Os skatistas se interessavam menos pelas questões políticas: “Ninguém [entre os skatistas] queria saber o que o governo ou os militares faziam, [deslizar sobre um skate] era muito mais um escape pela contracultura, rebeldia e alienação” (BRANDÃO, 2014, p. 29). Assim o skatismo se aproxima da contracultura, segundo Brandão (2014, p. 29), “haja vista que ‘a contracultura é um movimento *drop out*, isto é,

pula-se fora do sistema, não há uma tentativa de alterá-lo como um todo". Tratava-se de uma juventude classe média, branca, masculina, urbana, indefinida quanto a religião e a política. (CASSAB, 2011, p. 159).

Se no início da década de 1970 os surfistas cariocas confeccionavam seus próprios skates, na época chamados de *surfinhos*, ou *surfe de asfalto*, em 1974 os primeiros skates começam a ser comercializados no Brasil nas lojas especializadas em materiais para a prática do surf. (BRANDÃO, 2006, p. 84). Percebe-se ainda a participação da indústria do entretenimento na construção da identidade juvenil relacionada à prática do surf e do skate, como por exemplo os filmes *Garota de Ipanema*; e *Nas ondas do surf*, *Nos embalos de Ipanema*, *Menino do Rio* e *Garota Dourada*. Depoimentos colhidos por Brandão (2014) indicam a proximidade de surfistas com o skatismo e vice-versa. São também cariocas e deste mesmo período as revistas pioneiras na divulgação do skate brasileiro, assim como os eventos considerados fundamentais, ou ainda a primeira pista da América Latina, no município de Nova Iguaçu em 1976. Skate rapidamente tornou-se 'coqueluche em lugares como Brasília, Minas Gerais, São Paulo e grande parte do Paraná'" (BRANDÃO, 2006, p. 90).

Estes estudos mostram que a prática do skate passou da brincadeira a estilo de vida juvenil, contestador, artístico; reconfigurou no concreto os movimentos feitos no mar pelos surfistas, desenvolvendo outra forma de se relacionar com o ambiente urbano e com o corpo; constituiu um lugar próprio na mídia com a veiculação de notícias, propagandas de materiais, marcas e lojas especializadas; e se fortaleceu também enquanto esporte, profissionalizando skatistas, tornando-os atletas – fato que não encontra unanimidade entre os praticantes. Desta forma, o skate tem se estabelecido no *campo* esportivo como espetáculo, já que se desenvolve através de uma cultura histórica própria.

O esporte espetáculo apareceria mais claramente como uma mercadoria de massa e a organização de espetáculos esportivos como um ramo entre outros do show business, se o valor coletivamente reconhecido à prática de espor-

tes (principalmente depois que as competições esportivas se tornaram uma das medidas da força relativa das nações, ou seja, uma disputa política) não contribuisse para mascarar o divórcio entre a prática e o consumo e, ao mesmo tempo, as funções do simples consumo passivo (BOURDIEU, 1983, p. 144).

A onda skatista dos anos 1960-70 nos Estados Unidos, e posteriormente no Brasil, atingiu não somente a postura e a mentalidade dos jovens praticantes, bem como movimentou o mercado, a mídia e o Estado, este último tendo que se mobilizar para atender o número crescente de praticantes que ocupavam as ruas e praças das cidades, construindo espaços voltados para a prática do skate. Hoje na cidade de Florianópolis, por exemplo, existem quatro pistas públicas⁵. Esta difusão foi motivada sobretudo por um intenso movimento do mercado do skate, com inúmeras marcas e lojas especializadas no estilo e material espalhadas pelo mundo, responsável pelo movimento de um bilhão de reais por ano em roupas e acessórios, somente no Brasil⁶. As marcas se encarregam da divulgação do esporte, principalmente através de grandes eventos. Nos Estados Unidos, por exemplo, o campeonato *Street League*⁷, um dos maiores campeonatos da atualidade na modalidade *street skate*, transmitido e amplamente divulgado pelo canal de sinal fechado *FOX Sports 1*. Somente em 2014 este campeonato pagou mais de um milhão de dólares como premiação, resultado de contratos de marketing com patrocinadores como a empresa *Nike*, famosa no ramo dos esportes, que atualmente oferece também uma linha de produtos voltados para o skate.

A popularidade deste esporte o credenciou a uma vaga para se tornar esporte olímpico, proposta que tem dividido seus praticantes. Nos Jogos de Atlanta em 1996, o skate foi cogitado pela primeira vez a fazer parte do hall de modalidades olímpicas. Esta adesão é defendida pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) e a emissora de televisão NBC, afirma o skatista norte americano Neal Hendrix: "ambos perceberam que precisam atrair o interesse da juventude para as Olimpíadas, porque todos os esportes olímpicos estão envelhecidos e 'cansados', não interessam a juventude de hoje" (VIEGAS, 2012).

Por outro lado, o desinteresse em vincular skate as olimpíadas parece predominar para a maioria dos skatistas. Segundo Viegas (2012) existe pouco interesse que o skate participe dos Jogos Olímpicos por conta da “obrigatoriedade de uniforme, a questão dos patrocínios pessoais, o medo de que pessoas de fora do skate estejam diretamente envolvidas com a organização da competição, os critérios de julgamento, a dúvida sobre quais modalidades participariam, etc.” Para maior parte da comunidade o skate é muito mais que um esporte, é estilo de vida, com conexões as vezes muito mais próximas com algumas expressões artísticas do que propriamente com uma atividade esportiva tradicional.

Esta discussão parece ocupar um lugar importante no campo, dividido por interesses distintos na *olimpificação* do skate, onde, de um lado só se é possível a prática em lugares específicos e padronizados – *half pipe* –, e de outro há a possibilidade de ir além das pistas de skate – o skate de rua. Seria esta uma das disputas pela legitimidade do discurso no *campo* skatista, uma prática que já encontra-se em destaque nas olimpíadas dos esportes extremos, os X-Games? Este processo de autonomização do skate no *campo* esportivo, levou o skate, e outros esportes considerados radicais⁸, a criarem nos anos 1990 a sua própria Olimpíada, onde o que denominam de *essência* do skate, neste caso, não parece ser ameaçada. Para manter sua particularidade no caso das Olimpíadas, o skatista profissional Neal Hendrix acredita que:

a única maneira disso acontecer é se o Skate for gerido por skatistas e contar com skatistas profissionais de primeira linha de todas as partes do mundo. Veja como são gigantescos eventos como os X Games, Dew Tour e Maloof Money Cup. O Skate já virou um grande show para a televisão. O problema com as Olimpíadas é que existe toda uma questão política e burocrática que torna ainda mais difícil. (VIEGAS, 2012)

O skatismo, com seus agentes e instituições, parece ainda ocupar um lugar marginal no *campo* esportivo, mantendo certa autonomia das demais práticas esportivas e uma história própria. Conforme Bourdieu (1983),

a história do esporte é uma história relativamente autônoma que, mesmo estando articulada com os grandes acontecimentos da história econômica e política, tem seu próprio tempo, suas próprias leis de evolução, suas próprias crises, em suma, sua cronologia específica (BOURDIEU, 1983, p. 137).

Este trabalho se insere nesta tentativa de construir uma história social das práticas esportivas, buscando analisar e reconstruir as condições de possibilidade do skatismo. O surgimento do skate está ligado historicamente aos eventos sociais e culturais vinculados a juventude. A sua prática na região da Grande Florianópolis/SC, na cidade brasileira que se popularizou primeiramente pelos eventos de Surfe, tem sua origem em 1978 com primeiro campeonato no Clube 12 de Agosto, em Jurerê⁹, onde foi construída a primeira pista da cidade.¹⁰ A modalidade vertical se popularizou entre os skatistas da ilha com a construção desta rampa no estilo *half pipe*, anexo à *snake*.¹¹ Os primeiros eventos realizados no âmbito nacional, contaram com a participação de skatistas como Bob Burnquist. Florianópolis passou a figurar como a Meca para os *bowlriders*¹² com notoriedade do skatista profissional Pedro Barros – seis vezes medalhista de ouro nos X Games¹³ e pentacampeão mundial. Natural de Florianópolis, Barros contribuiu para a realização de alguns dos grandes eventos realizados recentemente.¹⁴

Do estudo do campo skatista a relação com o skatismo

Esta análise sócio-antropológica nos ajuda a compreender o campo do skatismo em Florianópolis, onde destacamos dois ambientes de estudo: a Skatepark da Trindade, ou, utilizando o termo nativo, a *Trinda*; e o Projeto SKT. Nossa abordagem considera a proximidade ao campo e a familiaridade com o objeto tema da pesquisa: o skate. Segundo Gilberto Velho (1999),

A “realidade” (familiar ou exótica) sempre é filtrada por um determinado ponto de vista do observador, ela é percebida de maneira diferenciada. Mais uma vez não estou proclamando a falência do rigor científico no estudo da sociedade, mas a necessidade de percebê-lo

enquanto objetividade relativa, mais ou menos ideológica e sempre interpretativa (VELHO, 1999, p. 129).

É assim que nos posicionamos diante do objeto de pesquisa na área das Ciências Sociais e Humanas, sempre praticando o estranhamento do familiar.

O que sempre *vemos* e *encontramos* pode ser familiar mas não é necessariamente *conhecido* e o que não *vemos* e *encontramos* pode ser exótico mas, até certo ponto, *conhecido*. No entanto, estamos sempre pressupondo familiaridades e exotismos como fontes de conhecimento ou desconhecimento, respectivamente (VELHO, 1999, p. 126. Grifos do autor).

No primeiro ambiente procuramos inventariar e analisar, através da etnografia urbana, a estrutura disponível e sua utilização, mas também as experiências vividas na *Trinda* e refletidas pelos seus agentes. Esta análise aprofunda o estudo realizado em 2015 e que levou o título de *Um olhar sócio-etnográfico sobre a prática dos skatistas na Trinda (Florianópolis – SC)* (PEREIRA, 2015). Estes dados permitem compreender a formação de um *campo* skatista e do *habitus* dos agentes investigados (BOURDIEU, 1983; 2004; 2009). O segundo ambiente, o Projeto SKT, é um projeto que oferece aulas de skate para pessoas de todas as idades, onde tomamos com fonte principal a declaração de quatro alunos do projeto, que comentam a sua a sua experiência enquanto aluno-skatista. Nestes estudos, procuramos ampliar a ideia de *campo* esportivo e da formação do *habitus*, através da noção de relação com o saber.

A pista da Trindade - trinda¹⁵

A pista de skate do bairro Trindade foi construída no início dos anos 2000. Trata-se de uma pista localizada em um espaço público de uma região central da Ilha de Santa Catarina, onde os skatistas sobem e descem rampas, saltam sobre obstáculos e deslizam pelo solo com seus skates. Neste ambiente se desenvolve muito mais que a técnica ou o lazer daqueles jovens. Os skatistas organizados ocuparam e agregaram à área da pista uma quadra que originalmente serviria para a prática de outros esportes. Ali, construíram os próprios

obstáculos e entre os pares, desenvolvem relações de sociabilidade que nos ajudam a pensar a relação destes jovens na/com a cidade, uma relação de aprendizado sobre o ambiente urbano. O que está colocado nas relações sociais da Trinda, são maneiras de ser skatista, e como os skatistas as explicam a partir de suas experiências neste campo.

A prática do skate que predomina na *Trinda* é o *street*, uma modalidade popular que não se limita a circulação aleatória pelas ruas das cidades: “Ao contrário, eles transitam e interagem com a dinâmica urbana tendo em vista a procura por *picos*, isto é, equipamentos urbanos dotados de certas características que possibilitam a prática do skate” (MACHADO, 2014, p. 29). Os *streeteiros*, como se reconhecem os skatistas de rua, fazem a sua própria leitura da cidade a procura destes equipamentos que apresentam características reconhecidas por eles como obstáculos. Assim,

[...] um corrimão não serve somente para dar segurança a quem utiliza uma escada, mas também para ser deslizado com o skate. Uma escada não é apenas para se passar de um nível a outro, mas ao contrário, pode servir como inclinação propícia para manobras. Os exemplos se estendem aos bancos, às bordas, às placas de trânsito etc. Portanto, a cidade ganha novos contornos a partir da circulação dos *streeteiros* por distintos espaços (MACHADO, 2014, p. 31).

Esta cultura é considerada pelos skatistas como parte do movimento “[...] *faça você mesmo*.” (PEREIRA, 2015). A construção de obstáculos pelos próprios skatistas, é uma herança do movimento punk através da ideia “*do it yourself*” (representado pela sigla DIY), com o descontentamento da sociedade em que viviam os jovens norte-americanos e ingleses. (OROZCO, 2010) O DIY prega a liberdade individual e defende ideias antiautoritárias, de não-conformismo e anticonsumismo, evitando as roupas de grandes marcas, dando preferência aos brechós ou as reformas feitas pelos próprios punks. A ideia central é a da autossuficiência e do poder de criação de cada indivíduo, sempre em busca de maior liberdade e independência (CARVALHO, S/D). Assim, “percebe-se uma nova apropriação do espaço urbano, que desafia o entendi-

mento e exige uma aproximação mais sistemática para sua compreensão.” (SPOSITO, 1993, p. 162).

“Tá com o skate” aparece como o fator da sociabilidade juvenil presente na Trinda. Segundo o relato de Muska, o *mundo do skate* pode ser resumido da seguinte forma: “se relacionar com pessoas de áreas diferentes, mas que se identificam só pelo fato de *tá com o skate*” (PEREIRA, 2015). A identificação entre os skatistas vai além das aparências e se baseia na preferência pela mesma prática. Ele explica a seguir o ambiente da pista:

Quem não aguenta sai fora. Filha da puta é elogio, tem que ser [...]. É uma galera desencanada. Com todo respeito, mas tu tens que tá ali pelo skate. Porque se tu deixar de tá ali pelo skate, deu, entendeu? Skate é uma família! É uma coisa em comum. É como se a gente tivesse o mesmo motivo por tá aqui. Então tu não vai deixar de tá aqui porque tu não fala mais comigo, ou porque tu é de local tal, ou é de religião tal. Skatista roqueiro, skatista funkeiro, eles se identificam... Pelo skate. Skate quebra as barreiras, [o] preconceito (PEREIRA, 2015).

Para Song, aqueles que não são nascidos em Floiranópolis sofrem certo tipo de discriminação pelos locais, algo como o *localismo* também presente no surfe.

Cara, ali na Trindade, uma coisa que eu vejo muito, [...]. Tem uma galera ali que é... Os *manézinhos* que andam de skate lá. Tem uns guri que tipo assim: o restante não existe, é só eles ali, tá ligado? Se você é nativo daqui e eu não sou, e a gente tá conversando, e chega um outro aqui, daqueles que chegaram ontem [nativos], eles vão ali e te cumprimentam, só você, sabe? Eu como se não existisse. Isso aí pra mim eu acho um absurdo, cara. Meio fechado. Te tesourando mesmo. Tipo assim, ‘oh, você não é daqui então a gente não vai falar com você’ (PEREIRA, 2015).

Notamos outro depoimento onde o localismo é até mais forte, associado a prática do surfe. As declarações tornam-se ambíguas em apresentar o skate enquanto agregador, frente ao localismo, comum entre os surfis-

tas¹⁶, em que o skate é defendido pelos praticantes geralmente como uma família, uma comunidade, onde a maior preocupação é confraternização com os amigos, confrontado aos depoimentos que mostram uma outra face desta prática.

Quando o assunto é campeonato surge a ideia de *essência*. Segundo Koston, a prática do skate vai além da competição e do fato de o skatista ser tratado como um atleta. Para ele o skate difere dos outros esportes, pois não estimula rivalidades:

[é] praticamente uma reunião de amigos, num campeonato né. Alguém ganha, óbvio que tem competição, se você tá disposto a competir você tem que... Se inscreveu você já tem uma competição né. Então você tem que no mínimo focar nisso. Mas o foco principal é andar de skate, ver os amigos, conversar, aprender coisa nova (PEREIRA, 2015).

Trujillo, também tem uma visão crítica sobre competições. Comentou ter participado de algumas, mas que não gosta de campeonatos. Segundo ele, a competição não deve ser o foco da prática do skate: “eu já conheço bicho que já é assim: ‘se não ganhar campeonato tu é um merda’. Acho essa a coisa mais podre: ‘vou treinar’. Pô, se tu quer treinar vai, sei lá... Levantar peso, vai fazer abdominal. Se quer andar de skate vai se divertir” (PEREIRA, 2015). Ainda assim, Trujillo pensa em competir futuramente, já que, muito recentemente, passou à categoria *amador*, competindo com skatistas mais experientes. Os outros entrevistados admitem ter participado ou ainda participar de campeonatos, mesmo que não seja seu foco principal. Isto demonstra a complexidade do campo, em que os agentes declaram seu desconforto em relação às competições, mas admitem participar das mesmas, o que é expressão da tensão no campo, entre o singular e o coletivo – desejo de participar de competições motivado pelos pares, por exemplo. Enfim, é possível pensar nas estratégias que possibilitem ao sujeito continuar tendo relação com *campo*, ao passo que aí também se possa configurar o desenvolvimento de uma espécie de *habitus* intermediário entre as duas lógicas em questão.

Projeto SKT¹⁷

O projeto SKT funciona há cinco anos, de modo privado, oferecendo aulas de skate para quem se interessar, sobretudo crianças e jovens. O projeto é gerido por skatistas profissionais e tem uma sede com pista própria, onde pode-se observar o patrocínio de marcas de skate.¹⁸ Neste ambiente formal de ensino do skate, os sujeitos assumem papéis definidos, mas o professor em algumas situações é apresentado como um colega skatista. O projeto se fundamenta nos princípios do esporte, priorizando o domínio da técnica por parte dos alunos-atletas-skatistas. Contudo, a preparação para competições não faz parte da programação das aulas.

A atuação do Projeto SKT se dá em sua pista, mas também em outras pistas públicas e particulares, além de escolas particulares como aula extracurricular e até em igrejas. As modalidades oferecidas vão desde o *street* e *vertical*, passando pelo *downhill*¹⁹ e *freestyle*²⁰. A formação realizada por educadores físicos é ressaltada pelo coordenador que considera o skate como esporte, e, portanto, enfatiza o condicionamento físico dos alunos-atletas. Para ele, o skate deve ser pensado pra além de *estilo de vida* ou *cultura*, se preocupando com a saúde, treinamento e, sobretudo, com o uso das drogas. Segundo Burnquist, há skatista que anda com a *razão* e o que anda com a *emoção*. O skatista focado na técnica deve saber o que faz, como deve se posicionar no skate, já o skatista movido pela emoção *só faz*, ou seja, faz as manobras sem pensar, o que pode o levar ao erro.

O projeto visa o aprendizado da técnica do skate com adequada orientação, de forma divertida e menos desgastante. Seu objetivo é preparar fisicamente o skatista com o intuito de prevenir lesões desnecessárias, considerando também o lado psicológico, na busca pela eliminação do medo excessivo, para com isto, acelerar a evolução técnica. O projeto também busca conscientizar sobre a relevância de hábitos saudáveis, oferecendo métodos de aquecimento antes do exercício, com a preparação da musculatura com alongamentos. As inscrições nos grupos do projeto obedecem a um sistema

de nivelamento: Nível básico 1: Iniciantes que nunca subiram no skate ou que ainda não executam manobras; Nível básico 2: Iniciantes que já executam elementos básicos como: drop, carvin, ollie, 180°, etc; Nível intermediário 1: skatistas que já acertam manobras básicas de solo, manual, caixote, corrimão e transições como: flips, 50-50, rock slide, stalls, rock n'roll, aéreos, etc; e Nível intermediário 2: skatistas que já acertam as principais manobras de solo, manual, caixote, corrimão e transições incluindo manobras de básicas nas outras 3 bases [sic]; Nível avançado 1: skatistas que já acertam manobras moderadamente complexas de solo, manual, caixote, corrimão e transições incluindo manobras de double; Nível avançado 2: skatistas que já acertam manobras complexas de solo, manual, caixote, corrimão e transições incluindo manobras de giro na entrada e na saída de bordas e corrimãos; e Treinamento: skatistas que buscam apenas melhorar o rendimento físico no skate ou com objetivos profissionais e competitivos. A metodologia segundo Burnquist, global e parcial, segue orientações elaboradas a partir do curso de Educação Física em suas disciplinas de didática, fisiologia do exercício e alongamentos.

Do ponto de vista dos entrevistados, o projeto os *atrai* como instrumento de aperfeiçoamento da técnica, como o aprendizado de novas manobras e de técnicas para não se machucar, de uma evolução que lhes permita inclusive competir, com melhor condicionamento físico. Para aqueles que tem pouco tempo isso aparece como uma promessa de aprendizado mais rápido, em melhores condições materiais de treino, com pista e professor de qualidade. No projeto eles encontram parceria o que nem sempre é possível na pista da Trinda ao mesmo tempo em que evitam o contato com pessoas que se “drogam”. Um lugar onde podem estar com o filho e amigos, os motivando para prática do skate. O projeto também aparece como um lugar prazeroso, um lazer descomprometido, relaxante e inclusive, terapêutico. Ao mesmo tempo em que se esquece do trabalho.

Nota-se a frequência de uma figura *mediadora* entre o que cada um deseja. Destacam-se a mediação dos filhos, amigos, das parcerias, na busca por uma integração social e/ou vínculo identitário. A única mulher entrevista-

da se preocupa em ser companhia para o filho, além de tirar disso momentos de lazer. O professor aparece não só como mediador do conhecimento sobre o skate, mas também como outro amigo skatista. As mediações para o estilo de andar alcançam importante inspiração em Burnquist, Pedro Barros, Wagner Ramos, Luan de Oliveira e outros, mais antigos como Caballero, Tony Hawk e Mike Vallely. Há quem se inspire nos ícones do surfe como Kelly Slater, um cara que revolucionou seu esporte. Todos estes atletas podem ser encontrados na internet e alguns deles até pessoalmente, nas pistas e praias da cidade. Os ícones deste *campo* estão presentes no imaginário e como mediação destes skatistas da escola tanto quanto na Trinda.

A mediação da música também parece ser parte da atmosfera do skate, como estímulo. Quando se anda sozinho escutam música particular, nos fones, mas na pista há som ambiente. O rock antigo aparece como uma preferência, ou ainda bandas como Charlie Brown Jr e a norte-americana Yeah Yeah Yeahs, mas também o rock progressivo de Pink Floyd à Pearl Jam, ou The Clash e Sex Pistols. O Rap também interessa pelas histórias de superação que os inspiram, como as de Sabotage, os Racionais e 50 Cent. A relação entre skate e surfe com a música também é enfatizada. Neste ponto, o esporte se aproxima muito da arte, quando aparece a figura do músico e skatista ou surfista.

Assim, ganha contorno um “*saber de ser*” skatista, relacionado sobretudo com o que consideram a *essência do skate*. Esta é uma ideia que atravessa a história deste *campo*, marcada pela importância das parcerias e do companheirismo, em busca das realizações pessoais e coletivas, que sejam divertidas, prazerosas, livres, por vezes adquirindo um sentido terapêutico. Dar um *rolê* com seus amigos, se divertir, brincar, conhecer lugares e novas pessoas, “jogar aquela manobra”, cair e levantar, evoluir com parceiros, andar porque gosta de andar, pelo desafio consigo mesmo, num espírito de liberdade e amizade. Isto tudo também vem relacionado com “válvula de escape boa”, relaxar depois de um dia de trabalho ou de estudo, esquecer o trabalho e os compromissos escolares. Esta essência aproxima o skate mais da arte que

do esporte: “o artista tá chegando com o skate dele pra fazer sua obra ali né...”

E o que se aprende neste contexto escolar skatista? Aqui os saberes da escola são confundidos com os da rua, relacionando-os com o aprendizado de atitudes que revelam a importância desta prática cultural, aprendizados que influenciam em outros aspectos da sua vida, das coisas mais simples como conversar e conviver, a atitudes como determinação, superação e autodisciplina.

A visão do skate enquanto prática despreocupada não é exclusividade dos skatistas da Trinda, mas encontra ecos no skate praticado nas aulas do Projeto SKT. Ambos estão de acordo com as críticas à competitividade entre seus pares, reforçando valores recreativos, do entretenimento, da distração. São valores que se apresentam nas duas conjunturas – Trinda e Projeto SKT –, o que nos leva a crer que há uma base fundamental para se entender o skatismo, ou melhor, para se entender o *street skate*.

O skate de rua tem entrelaçado à sua história a cultura juvenil, e esta, por sua vez, a cultura punk, e posteriormente o rap. São *campos* que atravessam a formação do universo skatista, com disposições que irão contribuir com a formação do *habitus* do skatista que se interesse pela categoria *street skate*.

Por fim, notamos que existe um ponto de confluência que faz do skate uma prática em transição, entre um esporte estabelecido no *campo* esportivo, e o skate marginalizado e crítico, defensor dos valores da amizade, da agregação, do divertimento e de outra forma de se relacionar com certos valores já estabelecidos por outros esportes. A isto poderíamos relacionar o desenvolvimento histórico do skate com o surf e o movimento punk, ou seja, às culturas juvenis, onde, como foi colocado, as juventudes são vistas como fase de transição ao mundo adulto, portanto, imaturos e incompletos enquanto sujeitos, tendo assim, pormenorizado suas práticas como atitudes a serem disciplinadas. Devemos atentar para a experiência de ser jovem, enquanto sujeito singular, em relação com outros sujeitos singulares, inserido em com-

plexas relações sociais, que dá sentidos a estas relações, que age no e sobre o mundo (CHARLOT, 2000).

Relação com o saber skatista

A noção de relação com o saber nos ajuda a melhor compreender que fenômeno é este que faz com que o aluno entre em uma atividade, aprenda e se realize. Ou seja, quais os móveis, o que mobiliza, ou, qual seu desejo de aprender? Trata-se de estudar situações singulares de aprendizagens que são possíveis dentro de determinada classe, campo ou posição social buscando explicar as diferentes relações com os saberes e aprendizagens. Para saber é preciso aprender. “Aprender é fazer o que, é uma atividade de que natureza, é sempre o mesmo tipo de atividade?” Só é possível entender o que é saber e o que é aprender, se buscarmos entender também a relação que há com o saber e com o aprender. Assim, “[...] não se pode ter acesso a um saber ou, mais genericamente, aprender, se, ao mesmo tempo, não entrar nas relações que supõem (e desenvolvem) este saber, este aprender” (CHARLOT, 2001, p. 17).

O que mobiliza um jovem a andar de skate? A ir para a pista treinar manobras? A procurar uma escola de skate?

Segundo Bourdieu (2009), a Sociologia trata todos os indivíduos de modo idêntico, consequência das mesmas condições objetivas, ou, do mesmo *habitus*. Assim, tentando definir como opera o *habitus* no indivíduo, situado no interior de uma classe, ele explica: “[...] a classe social (em si) é inseparavelmente uma classe de indivíduos biológicos dotados do mesmo *habitus*, como sistema de disposições comum a todos os produtos dos mesmos condicionamentos” (BOURDIEU, 2009, p. 99). Ainda que considere impossível uma visão homogeneizante sobre as condutas dos sujeitos de uma mesma classe, para Bourdieu “[...] é certo que todo membro da mesma classe tem muito mais possibilidades de que qualquer outro membro de uma outra classe de se ter deparado com as situações mais frequentes para os membros dessa classe [...]” (BOURDIEU, 2009, p. 99). O *habitus* de classe, neste sentido, se sobreporia sobre o *habitus* individual, refle-

tindo através de suas ações um sistema subjetivo pertencente a tal classe ou grupo:

Efetivamente, é uma relação de *homologia*, ou seja, de diversidade na homogeneidade que reflete a diversidade na homogeneidade característica de suas condições sociais de produção, que une os *habitus* singulares dos diferentes membros de uma classe: *cada sistema de disposições individual é uma variante estrutural dos outros, no qual se exprime a singularidade da posição no interior da classe e da trajetória* (BOURDIEU, 2009, p. 99-100. Grifos do autor).

Com isto, a análise que propõe Bourdieu (2009) sobre o *habitus* individual, nos remete a pensar que há uma estrutura mais forte que o indivíduo, não deixando muito espaço para que ele aja de maneira diferente daquilo que deposita o *habitus* do grupo. Mesmo assim, Bourdieu (2009) não nega a existência de experiências e trajetórias sociais singulares, remetendo à relação entre diferentes *habitus*:

O *habitus* que, a todo momento, estrutura em função das estruturas produzidas pelas experiências anteriores as experiências novas que afetam essas estruturas nos limites definidos pelo seu poder de seleção, realiza uma integração única, dominada pelas primeiras experiências, das experiências estatisticamente comuns aos membros de uma mesma classe (BOURDIEU, 2009, p. 100).

O *habitus* individual, no sentido do que foi exposto, age sempre na contenção de certa essência, vinda de experiências primitivas, fazendo com que o indivíduo selecione e opere as novas experiências sempre de acordo, ou no enfrentamento, com aqueles sistemas de disposições já estruturados em si, o que, resumindo, é a relação de homologia, como já citado acima.

Utilizando-nos de uma primeira crítica que Charlot (2000) dirige a Bourdieu, verificamos que a explicação do como e do porque os skatistas ocupam tais posições no campo esportivo não pode ser reduzida a posição social dos seus pais, como simples herdeiros desta posição. Charlot

(2000) destaca que Bourdieu ao estudar a escola, analisa esta relação como um sistema de diferenças, ou seja:

[...] às diferenças de posições sociais dos pais correspondem diferenças de posições escolares dos filhos e, mais tarde, diferenças de posições sociais entre esses filhos na idade adulta. Há a reprodução das diferenças. Como se opera essa reprodução? Novamente através de diferenças: às diferenças de posições dos pais correspondem nos filhos diferenças de “capital cultural” e de *habitus* (disposições psíquicas), de maneira que os filhos ocuparão eles próprios posições diferentes na escola (CHARLOT, 2000, p. 20).

Trata-se de superar esta leitura baseada em homologias, correlações entre posições sociais e transposição de sistemas de diferenças, pois a posição social das famílias não e reduzem as suas condições objetivas e não são constituídas de forma homogênea. A complexidade de configurações e estratégias que se pode encontrar numa só família deve ser encarada como fator importante ao tentar entender os resultados apresentados por determinado sujeito na sua relação com o saber. Assim, por exemplo,

[...] uma criança não é apenas “filho de” (ou “filha de”). Ela mesma ocupa uma certa posição na sociedade. Essa posição tem a ver com a dos pais, mas não se reduz a ela e depende também do conjunto das relações que a criança mantém com adultos e outros jovens. A posição da própria criança se constrói ao longo de sua história e é singular (CHARLOT, 2000, p. 21).

O desafio proposto acima está justamente em saber como se dá a transmissão destes dispositivos subjetivos que a criança se apropria pela mediação dos adultos e outros jovens.

Em outras palavras, uma atividade não depende apenas da posição social dos “agentes”, ou de seus pais, mas também das regras que regem essa atividade; se essas regras não são respeitadas, a atividade não alcança sua meta, é ineficaz: o marido desejado não é seduzido, o aluno acaba em situação de fracasso escolar. Cada ati-

vidade comporta uma normatividade que lhe é própria (CHARLOT, 2000, p.23).

Trata-se de compreender a atividade de um sujeito: um sujeito em relação com o mundo; com outros sujeitos; munido de recursos, e movido por desejos; que ocupa determinada posição na família – ou noutra instituição equivalente –, na escola, no trabalho; enfim, é, este sujeito, “[...] exemplar único da espécie humana, que tem uma história, interpreta o mundo, dá um sentido a esse mundo, à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, à sua própria história, à sua singularidade” (CHARLOT, 2000, p. 33). Por mais que identifiquemos as estruturas e as instituições encarregadas de defender determinado sistema simbólico, devemos buscar entender também como os sujeitos manejam valores e ações que estes sistemas induzem. Isto passa certamente por um suporte de representações ou psiquismo, como chamou Charlot (2000), e, necessariamente, este psiquismo é o de um sujeito.

Para Charlot (2000) agente social – nos termos de Bourdieu – não tem plena consciência de seus atos, e não é, portanto, um indivíduo autônomo. Contudo, tampouco são “marionetes” de um sistema estruturante, pois são dotados de um senso prático, que os guia frente às situações possíveis em determinado contexto: “Eles é que agem e não a estrutura através deles, porém eles agem em função de disposições psíquicas que foram socialmente estruturadas: seu *habitus*” (CHARLOT, 2000, p. 35). Na teoria de Bourdieu, o *habitus* é gerado através da posição social que o sujeito ocupa e reproduz, e, neste sentido, o que se sobressai é a posição social do sujeito, para que então se entenda as disposições psíquicas dele. Charlot (2000) se refere a este ponto de vista como *psiquismo de posição*. Ele critica que os aspectos sociais se tornam psíquicos, ou, são interiorizados, incorporados, na via de fora para dentro, do exterior para o interior, e assim, não se sabe como este interior, este psíquico subjetivo, opera por regras próprias, que não estão necessariamente submetidas ao espaço social vivido pelo sujeito.

Estão postas então, duas lógicas diferentes. Seria algo como receber as informações do social, passando por

um filtro individual do sujeito. É, portanto, uma lógica de apropriação do mundo, e não de mera interiorização dele. Lógica que envolve pulsões, desejos, vontades, em relação aos objetos possíveis que se apresentam no social. Dito isto, Charlot (2000) aponta que a sociologia de Bourdieu, mais especificamente seus estudos sobre o conceito de *habitus*, não dão conta de explicar a relação com o saber e a experiência dos sujeitos, já que se limita a explicar, a partir desta chave de leitura, as posições sociais dos agentes.

Para Charlot (2000), o conceito atinge seu limite ao tentar a relação de certo grupo com o saber, mas não consegue avançar, nos termos de Bourdieu, na relação de um sujeito deste grupo com o saber.

Enquanto que o sujeito dá um sentido ao mundo, em Bourdieu o sentido não é senão a interiorização de relações entre posições, sob a forma de *habitus*. Enquanto que o sujeito age sobre e no mundo, em Bourdieu a atividade fica reduzida ao sentido prático, que permite atualizar relações de posição. Enquanto que o sujeito vê-se confrontado à questão do saber, em Bourdieu essa questão fica reduzida à do 'arbitrário cultural' e da 'violência simbólica', isto é, novamente, a relações entre posições sociais (CHARLOT, 2000, p. 38).

Quem é este *sujeito* que dá um sentido pro mundo? Segundo Charlot (2001), é um *ser inacabado* e sempre será, desejoso de si mesmo, de gozo. O deslocamento para construir-se a si mesmo e se apropriar do mundo ocorre no tempo, implicando a mediação de outros sujeitos. Este sujeito não se apropria do mundo ao seu bel prazer, mas compartilha seu mundo construído com outros sujeitos. Ao se desenvolver, desenvolvendo o mundo e o outro, desenvolve também uma relação com o que está pressuposto no espaço social: símbolos, as linguagens, as culturas, etc. O *habitus* como chave de explicação sobre processos de incorporação destes fatores, aos moldes do que pensou Pierre Bourdieu, não oferece alternativas para avançarmos na discussão sobre a relação com o saber, porque não considera as movimentações e atividades feitas pelo sujeito. Movimento é mobilização; mobilizar-se; pôr-se em movimento,

é movimentar recursos e desejos, para concretizar uma atividade que é troca, que é relação com o mundo. (CHARLOT, 2000, p. 55).

Neste sentido, a mobilização dos nossos interlocutores-skatistas aparecem de forma diversificada. Valorizando aspectos da vida social para além da casa e da escola, é nas pistas, nas ruas ou no Projeto SKT que se evidencia: o desejo da parceria, da confraternização, aplaudindo os acertos e apoiando nos erros; alguns desejam a diversão, o gozo, desviando da disciplina esportivizada, outros tem o foco no treino como aperfeiçoamento e busca do movimento perfeito ou com estilo.

A mobilização, enquanto primeiro momento da atividade, está na vontade em acertar a manobra, em alcançar certo nível técnico e em se sentir satisfeito com os acertos. Mas também em estar junto ao seu par que o incentiva no erro e o aplaude no acerto, tornando a situação entusiasmante. Quando não é o sujeito que está em ação, o outro é que deve ser encorajado: o desejo de acertar a manobra do outro, de reconhecer as dificuldades técnicas nos movimentos, é seu desejo também. Estes desejos se entrelaçam a outros: de ser/estar com os amigos; de ser mãe – ou tentar cumprir um papel de mãe; vontade de alcançar o profissionalismo; esporte para relaxar, para ser saudável, etc.

Por estar diretamente relacionado à cultura juvenil, o skatista mobiliza também diversos aspectos deste campo. Nossos interlocutores oferecem diversas pistas para que pensemos a respeito do que a prática do skate traz de desconstrução para a cultura juvenil. Neste sentido, se sobressai o fato de a maioria dos entrevistados não serem necessariamente jovens – pelo menos não no sentido cronológico. Aqui então podemos refletir sobre aquilo que a prática do skate oferece aos adultos-jovens em questão de mobilização de recursos. Estariam preocupados em se manterem jovens? Outro ponto são aqueles aspectos comuns às juventudes, comum também aos interlocutores, que contribuem também na formação da identidade do sujeito, bem como no que os skatistas chamam de estilo de andar de skate. Aqui nos referimos à questão da preferência pelo gênero musical;

preferência pelo visual; preferência pela modalidade do skate – *street* – se em pistas ou nas ruas; *bowling*, vertical, etc.; preferência por competições ou por diversão; desejo por experimentar sensações.

Entendendo que a prática do skate pressupõe a mobilização de determinados objetos sociais, podemos considerar que andar de skate, ou, ser skatista, é estar em uma relação com o saber, é estar em uma relação com o saber skatista, com o skatismo. Só há saber skatista porque há uma relação com este saber. Neste sentido é válido dizer que nossos interlocutores se instalam numa relação com o mundo, entendendo que andar de skate é uma parte disto. Mesmo que consideremos que querer ser um skatista; querer andar de skate não significa uma atividade necessariamente autônoma quanto ao objeto, mesmo assim é uma forma específica. “O sujeito de saber desenvolve uma atividade que lhe é própria: argumentação, verificação, experimentação, vontade de demonstrar, provar, validar” (CHARLOT, 2000, p. 60). Estamos discutindo aqui singularidades, neste sentido não seria suficiente tratarmos das informações de um sujeito isoladamente. A experiência skatista só pode ser estudada enquanto processo, quando em relação com os outros, ao olhar do outro, quando faz sentido não somente para um sujeito, mas é resultado de uma comunicação.

No contato com o campo de pesquisa notamos que o saber se encontra não apenas na prática, como na linguagem, naquilo que os interlocutores conseguem verbalizar sobre o que fazem. Em outras palavras: “O saber é construído em uma história coletiva que é a da mente humana e das atividades do homem e está submetido a processos coletivos de validação, capitalização e transmissão” (CHARLOT, 2000, p. 63). Assim, apontamos possíveis campos de saber dentro de um campo maior que seria o da prática do skate na cidade de Florianópolis, inserido por sua vez numa cultura skatista muito mais ampla.

Compartilhando do ponto de vista discutido até então (CHARLOT, 2000; 2001; 2005), podemos perceber o desenvolvimento do *habitus* de um grupo. Esta chave de leitura nos permite discutir a posição social destes sujei-

tos, especialmente enquanto jovens praticantes diante de um processo de socialização. Notamos que os skatistas entrevistados classificam, percebem e ordenam suas práticas, e aquilo que isto representa. Cabe colocar aqui que há um esforço em traduzir o que Charlot (2000; 2001; 2005) discutiu na esfera da Sociologia da Educação, a saber, a relação com o saber. No nosso caso pontuamos a relação com o saber, entendendo a cultura do skate, embasada historicamente, que encontra ecos em setores da sociedade, especialmente na juventude, portanto, comprometida com uma experiência educativa não formal. Resta-nos pensar como esta noção pensada por Charlot (2000; 2001; 2005) pode nos oferecer pistas para pensarmos as relações de saberes não escolares – ou não formais –, por exemplo. O corpo não é e nem sempre foi um corpo escolarizado. Nem por isto deixamos de pensá-lo como um corpo educado, disciplinado, mediador de saberes. O corpo skatista pode ser visto neste parâmetro. Se o saber escolar é medido através da linguagem e objetivado através da escrita, no skate podemos projetar que o saber está naquilo que o skatista encontra na cultura do skate, bem como, no que vai além disto: na relação com o mundo.

Considerações finais

Neste estudo indicamos caminhos para seguir discutindo não somente aquilo que é restrito ao skatismo, ou outra prática esportiva, mas também outros aspectos que querem dizer sobre as nossas relações sociais mais genéricas. A noção da relação com o saber está inscrita neste sentido, já que traz a preocupação de testar os limites de teorias postas anteriormente. Esta noção se apresenta como uma possibilidade de tensionarmos ideias já estabelecidas no campo científico das Ciências Sociais e da Educação.

Entre os skatistas que tivemos contato, tanto na Trinda, quanto no Projeto SKT, notou-se que os mesmos carregam disposições simbólicas, adquiridas de modo singular em relações que transpassam os limites do que nos tornam possível descrever. Estamos nos referindo às suas relações com aquilo que não tem necessariamente a ver com o mundo do skate, mas são comuns aos sujeitos que

vivem numa sociedade complexa como a nossa. Podemos dizer que os skatistas também manifestam um sentido relacional para com os outros, mas tem no skate o objeto que centraliza este desejo. Eles também manifestam um sentido prático, justamente por ter na prática do skate sua vontade de participação no grupo.

Tentamos assim, entender aquilo que sustenta a mobilização destes sujeitos para se posicionarem enquanto skatistas, e enquanto seres humanos portadores de desejos, situados em determinado tempo e espaço. É na relação com os saberes do skatismo que os sujeitos, ao se apropriarem deste saber, se apropriam do patrimônio cultural desenvolvido pela humanidade. Ou seja, ao assumirem fazer parte de uma cultura skatista, ou de um estilo de vida skatista, ou de buscarem determinada essência do skate, ou de serem esportistas, assumem também uma relação com o mundo. E este é um processo subjetivo, no qual cada indivíduo irá se relacionar singularmente, ou subjetivamente, mas sempre em relação ao/com o outro, com o exterior a si, com o social. A relação com o saber, portanto, e neste caso, com o saber do skatismo, se constrói numa relação dialética e só é possível com a mediação do outro, para que seja possível produzir-se a si mesmo.

A performance dos skatistas demonstra nas entrelinhas a diferença na igualdade. Cada estilo – de se andar de skate – faz sentido pra determinado grupo de skatista, mesmo se reconhecendo todos enquanto skatistas. O sucesso individual vem de um esforço isolado, mas é também resultado de trabalho em grupo. Só tem reconhecimento no grupo e se faz sentido para o grupo. Dentre os sentidos circunscritos resgatamos aqueles que notamos relevantes na fala dos interlocutores. Seriam, portanto, os sentidos do prazer, do prazer de confraternizar entre amigos; sentido do lazer, de descontrair, de relaxar; sentido relacional, de estar entre amigos, entre os pares; sentido artístico, de livre criação; sentido da aprendizagem, de aprender outro comportamento, novas manobras; sentido da superação, de persistir, de ter atitude, de se superar. O único sentido que podemos dizer que divergem entre a skatepark da Trinda e do Projeto SKT, seria o da esportivização. E neste caso se insere

quase que necessariamente o sentido da formação do atleta, tão criticado pelos skatistas mais essencialistas, por assim dizer.

De todo modo, esta pesquisa mostra que entender o sujeito é também um esforço de compreensão, simultaneamente, de uma construção social, antropológica e psico-física, onde o estudo do campo e do *habitus* garantem certa perspectiva que pode ser ampliada a partir da noção de relação com o saber. O que foi dito por nossos interlocutores, o que foi observado em campo, são objetos que foram materializados pela ação dos sujeitos envolvidos no campo, que ocupam posições mais ou menos privilegiadas para isto, seja através da linguagem ou da prática em si. As características skatistas seguem tendências, de fato. Mas não explicam o sentido que cada skatista dá para esta prática corporal, para aquilo que faz em cima do skate, com seus colegas ou não, seja nas ruas, nas pistas públicas ou privadas. Nisto se encaixa também a proposta de ensino do Projeto SKT. Foge do alcance do programa educativo as previsões sobre os significados que o aluno-skatista irá associar ao skate durante, ou após, essa experiência educativa. Foge justamente porque as práticas, e as maneiras de lidar com as informações são também pessoais, singulares.

Vislumbramos, neste sentido, alguns aspectos constituintes do *habitus* que atravessa este campo, onde verificamos que este *habitus* não se desenvolve naturalmente no indivíduo a partir do momento em que se interessa em se tornar um skatista. Ele é, portanto, fortalecido a partir da prática e do convívio num meio, onde o sentido do skatismo nem sempre converge, indicando diferentes possibilidades na formação do *habitus*, se desdobrando em relações com os saberes cada vez mais singulares e diversificadas.

Assim como outras práticas, outros esportes, outras atividades, consideramos que os agentes precisam se mobilizar para conseguir adentrar neste campo, para que a prática ganhe sentido. Esta mobilização, por sua vez, é um movimento “de dentro para fora” do agente, no sentido de realizar algo que tenha função ou tenha uma razão de ser na sua vida de relações.

Notas

1 O nome do projeto foi modificado para preservar a identidade dos envolvidos no mesmo.

2 Brandão (2014) constatou que a maioria dos estudos realizados foram publicados no exterior e destaca: BROOKE, Michel. *The concrete wave: the history of skateboarding*. Warwick Publishing: Los Angeles, 1999; DAVIDSON, Ben. *The skateboard book*. New York: Grosset & Dunlap, 1976. NOLL, Rhyn. *Skateboard retrospective*. Coatsville: Schiffer Book, 2000.

3 Segundo Brandão (2010, p. 61) o surgimento do skate, a partir do que pesquisou Rhyn Noll, data de 1936, ano que o primeiro skate foi patenteado.

4 Ver o vídeo-documentário *Dogtown and Z-Boys: onde tudo começou* (2001).

5 SPERANDIO, Amábil. **A juventude elitista e a ditadura militar no Brasil**. 25ª Semana de ciências sociais: 50 anos do golpe militar. UEL. 2014.

6 Disponível em: <<http://www.asgf.com.br/p/guia-de-pistas.html>> Acesso em: 5 fev. 2015.

7 “Skate movimentou R\$ 1 bilhão em vendas no País e há oportunidades para pequenos empresários”. Disponível em: <<http://pme.estadao.com.br/noticias/noticias,skate-movimentou-r-1-bilhao-em-vendas-no-pais-e-ha-oportunidades-para-pequenos-empresarios,4291,0.htm>> Acesso em: 5 fev. 2015.

8 Disponível em: <<http://streetleague.com/about/>> Acesso em: 5 fev. 2015.

9 As modalidades se subdividem em várias entre skate, BMX, patins inline, motocicleta, rally automotivo, além das categorias de inverno, esqui, snowboard e snowmobile. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/X_Games> Acesso em: 26 mar. 2015.

10 Sobre a história do skate em Florianópolis, nenhum material maior aprofundamento no assunto foi encontrado, além de entrevistas e matérias de jornais. No entanto um documentário que deve tratar dos eventos na pista do Clube 12 de agosto, está sendo produzido ainda sem data de lançamento. Trailer disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ima7JH9yBQ4>>. Acesso em 31 jul. 2016.

11 Em matéria intitulada *Santa Catarina Skatepark*, o jornalista Marcelo Mancha (2013), relata a dificuldade em encontrar fontes que contribuam para documentar a história do skate no Estado. O jornalista entrevistou o ex-skatista profissional Rodrigo Schulz, vulgo Jaca, que produz um documentário sobre a história do skate praticado no Clube 12, desde a construção da pista até atualmente.

12 *Snake* é um formato de pista, que como o próprio nome diz, se assemelha ao corpo de uma cobra. Geralmente contém bastante curva num trajeto em declive, finalizando num *bowl* ou num *half pipe*, que é o caso da pista do Clube 12.

13 *Bowlrider* é o skatista que pratica a modalidade bowl – rampa com fundo côncavo que imita uma piscina vazia.

14 Megaevento considerado as Olimpíadas dos esportes radicais.

15 Etapa do Mundial Vans Skate Park Series, na qual Pedro Barros se sagrou campeão. Alguns eventos ocorreram inclusive na residência do próprio skatista, como, por exemplo, o Red Bull Generation. Disponível em: <<http://www.redbull.com/br/pt/skateboarding/>

>events/1331640109125/red-bull-skate-generation>. Acesso em: 13 jun. 2016. Disponível em: <<http://cemporcentoskate.uol.com.br/fiksperto/vans-pro-skate-park-series-florianopolis>>. Acesso em: 13 jun. 2016.

16 Esta parte da pesquisa foi concluída em 2014. Aqui nos utilizamos de parte do material que resultou do Trabalho de Conclusão de Curso (PE-REIRA, 2005), e o excedente que não foi aproveitado naquela situação.

17 “Todo surfista conhece a ideia de que quem vem de fora não tem os mesmos direitos que os locais. Estes sabem os melhores lugares para pegar onda, que geralmente é uma faixa restrita do mar, e os haoles (quem é de fora) devem respeitar o espaço que eles precisam para a prática”. Disponível em: <<http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2014/08/agressoes-a-surfista-no-campeche-reacendem-debate-sobre-localismo-no-surfe-catarinense-4578922.html>>. Acesso 16 jun. 2016.

18 O nome do projeto foi modificado para preservar a identidade dos envolvidos no mesmo. As informações sobre o projeto tomaram como fonte o *site* e raros momentos de conversa com o skatista e professor Burnquist (nome fictício), atleta há 15 anos, profissional há dois, bacharel em Educação Física pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

19 O Centro de Treinamento – CT SKT, como é chamado, além de ser o local das aulas, é também uma skatepark coberta, com loja de skate e lanchonete anexas. É possível, com agendamento prévio, alugar o espaço da pista para eventos como aniversários e festas, assim como pagar pelo acesso diário à pista.

20 A modalidade *downhill* consiste na descida de ladeiras, onde o skatista pode executar manobras deslizando no solo, ou tentando alcançar maior velocidade possível.

21 O *freestyle* é praticado em solo plano, onde o skatista demonstra sua habilidade executando manobras de giro na sua maioria, tanto do skate como do próprio corpo.

Referências

ABRAMO, Helena Wendel. **Condição juvenil no Brasil contemporâneo**. In: *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. Org. Helena Wendel Abramo, Pedro Paulo Martoni Branco. – São Paulo: editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro : Editora Marco Zero Limitada, 1983.

_____. **Coisas ditas**. São Paulo : Brasiliense, 2004.

_____. **O senso prático**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2009.

BRANDÃO, Leonardo. **Corpos deslizantes, corpos desviantes: a prática do skate e suas representações no espaço urbano (1972 – 1989)**. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal da Grande Dourados / UFGD, 2006.

_____. **Esportes de ação**: notas para uma pesquisa acadêmica. In *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas, v.32, nº 1, 2010a.

_____. **Publicidades da Rebeldia**: esporte e consumo no ritmo do Punk rock. In: *Revista de artes e humanidades*, n. 5, 2010b.

- _____. **“O surf de asfalto”**: a década de 1970 e os momentos iniciais da prática do skate no Brasil. In *Skate e skatistas: questões contemporâneas*. Londrina: UEL, 2012.
- _____. **Para além do esporte**: uma história do skate no Brasil. Blumenau: Edifurb, 2014.
- CARVALHO, Lara. **O espírito punk do movimento do it yourself**. S/D. Disponível em: <<http://pontoeletronico.me/2015/do-it-yourself/>>. Acesso em: 4 de jun 2016.
- CASSAB, Clarice. **Contribuição à construção das categorias jovem e juventude**: uma introdução. In: *Locus: revista de história*. Juiz de Fora, v. 17, n. 02. 2011
- CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. – Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- _____. **A noção de relação com o saber**: bases de apoio teórico e fundamentos antropológicos. In: *Os jovens e o saber: perspectivas mundiais*. Org. Bernard Charlot. – Porto Alegre: Artmed Editora, 2001
- _____. **O sociólogo, o psicanalista e o professor**. In: *O impacto da psicanálise na educação*. Org. Leny Magalhães Mrech. – São Paulo : Editora Avercamp, 2005.
- Confederação Brasileira de Skate. **História do Skate no Brasil**. S/D. disponível em: <<http://www.cbsk.com.br/paginas/historia-do-skate-no-brasil>> Acesso em: 4 out.2014.
- _____. **Modalidade street**. S/D. <<http://www.cbsk.com.br/modalidades/street>>. Acesso em 10 jun. 2016.
- _____. **Pesquisa Datafolha 2015**. S/D. Disponível em: <<http://www.cbsk.com.br/eventos/pesquisa-datafolha-2015>>. Acesso em: 15 jun. 2016.
- DOG TOWN and Z-Boys: onde tudo começou. Direção de Stacy Peralta. S.l.: Alliance Atlantis e Vans Off The Wall, 2001.
- KLEY, Edinara. **Mais que esporte, skate também é cultura em Florianópolis**. Abr. 2014. Disponível em: <<http://ndonline.com.br/florianopolis/plural/156780-sem-ideia-de-titulo.html>> Acesso em: 2 out. 2014.
- LOPES, Marco Antônio. **Os reis do asfalto**. Nov. 2005. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/historia/os-reis-do-asfalto>> Acesso em: 9 jul. 2015.
- MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. **“Todos juntos e misturados”**: sociabilidade no pedaço skatista. In: BRANDÃO, Leonardo; HONORATO, Tony (Org). *Skate & skatistas: questões contemporâneas*. Londrina: UEL, 2012, p. 63 – 86.
- _____. **De carrinho pela cidade**: a prática do skate em São Paulo. São Paulo : Intermeios; Fapesp, 2014.
- MAGNANE, Georges. **Sociologia do esporte**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1969.
- MAGNANI, José Guilherme. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. 2ª ed. – São Paulo: Hucitec / UNESP, 1998.
- _____. **De perto e de dentro**: notas para uma etnografia urbana. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, 17 (49): 2002, p. 11-29.
- _____. **O circuito dos jovens urbanos**. In: *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v. 17, n. 2: 2005, p. 173-205.
- MANCHA, Marcelo. Santa Catarina Skatepark. **Its**, Florianópolis, n. 98, p.16-17, jun. 2013.
- OLIVEIRA, Cauê. **Skatistas lembram de campeonato histórico realizado em Jurerê**. Abr. 2008. Disponível em: <http://blogdozero.files.wordpress.com/2008/05/pg15_abril.pdf> Acesso em: 2 out. 2014.
- OROZCO, Marcelo. **Três décadas de “faça você mesmo”**. 2010. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/tres-decadas-de-faca-voce-mesmo/>> Acesso em: 26 fev. 2015.
- PEREIRA, Julio Gabriel de Sá. **Um olhar sócio-etnográfico sobre a prática dos skatistas na Trinda (Florianópolis – SC)**. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- REVISTA 100% SKATE. **Edição especial entrevistas**. São Paulo, nº 62, 2003.
- SCHWINGHAMMER, Stefan (tradução Felipe Minozzi). **Jetlag**: Jake Johnson. Dez. 2014. Disponível em: <<http://www.blackmediaskate.com/site/?p=11074>> Acesso em: 6 fev. 2015.
- SPOSITO, Marília Pontes. **A sociabilidade juvenil e a rua**: novos conflitos e ação coletiva na cidade. *Tempo Social*; Rev. Sociol. USP, São Paulo, 5(1-2), 1993.
- VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- VIEGAS, Marcelo. **A questão olímpica**. Out. 2012. Disponível em: <<http://cemporcentoskate.uol.com.br/fiksperto/a-questo-olmpica>> Acesso em: 5 fev. 2015.
- WIKIPEDIA. **Burnside Skatepark**. Mar. 2016. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Burnside_Skatepark>. Acesso em: 05 jun. 2016.
- YNDYO, Eduardo. **Pista do Jurerê / 12 de agosto – Florianópolis**. Mar. 2010. Disponível em: <<http://www.skatecuriosidade.com/pistas-skt/pista-do-jurere>> Acesso em: 04 out. 2014.
- _____. **Livro Onda Dura – 3 Décadas de Skate no Brasil – 2000**. Mar. 2009. Disponível em: <<http://www.skatecuriosidade.com/livros/livro-onda-dura-3-decadas-de-skate-no-brasil>>. Acesso em: 03 mai. 2016.

Recebido em 01 de abril de 2017.

Aceito em 27 de abril de 2017.